

## Quando a noite cai...

Margarida Salgado de Oliveira

Há algum tempo atrás, quando falava com uma colega sobre a revista Educação e Matemática, disse-lhe que nunca tinha lido nada acerca do ensino nocturno e que considerava isso uma grande lacuna. Tive uma resposta "à altura" — "A APM, e em particular a revista, é aquilo que os sócios querem que ela seja e sem participação não se vai a lado nenhum. Se não há artigos sobre o Ensino Nocturno, é porque os colegas não os escrevem." Arrisquei-me então a levantar algumas questões acerca da nova modalidade de ensino nocturno, na esperança de que este desabafo seja o início de uma troca de ideias entre professores que se encontrem na mesma situação.

Este ano, pela primeira vez, tive oportunidade de me aperceber do que era o Ensino Nocturno e, em particular, o Ensino Recorrente.

### O que é o Ensino Recorrente

O Ensino Recorrente apareceu como uma inovação no sistema de escolaridade nocturno e muitos professores não o conhecem ou, pelo menos, não têm dele qualquer experiência. Resumidamente, é um sistema em que as disciplinas estão divididas em várias unidades capitalizáveis, que no caso da Matemática são 13.

Penso que só pelos títulos das unidades não se tiram quaisquer ilacções. Tenho a percepção que o currículo é um compromisso entre o novo currículo e o anterior, como por exemplo a referência a designações, proposições, expressões proposicionais e expressões designatórias, que são conteúdos que já se baniram dos novos programas.

As unidades chamam-se capitalizáveis talvez porque, quando determinado aluno se sente preparado, pode

requerer um exame, que é feito pelo professor e que lhe permite passar para a unidade seguinte. Caso contrário repete a unidade até conseguir passar no exame.

Quando me falaram neste tipo de ensino interroguei-me sobre a sua vantagem. De facto, o Ensino Recorrente dá aos alunos mais responsabilidade pelo seu percurso escolar — num ano podem progredir muito ou pouco, dependendo do número de unidades que façam — maior maleabilidade no percurso escolar de cada um e promove a sua autonomia perante o processo de aprendizagem. Surgem assim alguns cenários possíveis:

- O aluno que é assíduo mas que tem mais apetência pela área de letras, pode fazer todas as unidades de Português, três unidades de Matemática e uma de Ciências, etc;
- O aluno pode interromper a meio do ano, por motivos de trabalho ou outros, mas quando regressa retoma os estudos na unidade em que estava;
- O aluno pode nem sequer frequentar as aulas e apenas contactar com o professor para marcar os exames (a este cenário é que algumas pessoas chamam de autonomia!);
- O aluno pode fazer todas as unidades das diversas disciplinas e assim obter um diploma equivalente ao 9º ano.

Aparentemente, é um sistema cheio de boas intenções.

Segundo uma folha informativa que me foi distribuída pelo Ministério da Educação no início do ano lectivo, os objectivos do Ensino Recorrente são os que passo a citar:

"A educação recorrente, independen-

O que se passa com o Ensino Nocturno? Quem são os alunos? Como são os programas? Como é que se reflectiu a Reforma no Ensino Nocturno? Existe Reforma? Não estarão estes alunos abandonados à sua sorte, como o "refugio" que já foi eliminado do Ensino Obrigatório? O que é o Ensino Recorrente? Demagogia ou verdadeira alternativa para alunos com insucesso repetido?

temente do ciclo de ensino, tem como objectivos gerais:

- assegurar uma escolaridade de segunda oportunidade aos que dela não usufruíram na idade própria, aos que abandonaram precocemente o sistema educativo e aos que o procuram por razões de promoção cultural ou profissional;
- atenuar os desequilíbrios existentes entre diversos grupos etários no que respeita aos níveis educativos".

A partir do momento em que estava mais esclarecida acerca dos objectivos e do funcionamento deste sistema, a pergunta que fiz foi como se constituiriam as turmas. Na verdade, não é suposto haver um critério muito determinado, na medida em que na mesma turma se podem, na pior das hipóteses, acumular alunos das 13 unidades. Penso que se tenta, por questões de bom senso, que as turmas tenham alguma homogeneidade, mas tenho que admitir que é difícil, a não ser, provavelmente, nos alunos que frequentam pela primeira vez o Ensino Recorrente. Pode-se optar por não formar turmas e os horários serem mais ou menos do tipo dos que se fazem na faculdade. Mas sem uma turma é mais uma referência que se perde, é um ensino que se torna exageradamente solitário tanto para os alunos como para os professores.

O passo seguinte foi falar com alguns dos colegas que já tinham experimentado esta modalidade no ano anterior. A maioria dos colegas que contactei eram apologistas de realizar um teste diagnóstico nas primeiras aulas para detectar os alunos que, eventualmente, pudessem estar já em condições de passar de unidade.

### As minhas preocupações

Confesso que sempre tive a convicção de que os testes diagnóstico só servem para desiludir o professor e inibir os alunos. Depois das férias é sempre difícil retomar o ritmo de trabalho e há muitos temas de que os alunos se vão lembrando à medida que os vamos abordando, o que

significa que os alunos sabem, estão simplesmente esquecidos, descontextualizados...

O maior problema para mim era conseguir gerir uma turma com cerca de 30 alunos distribuídos por 4 unidades (no entanto há turmas na escola que têm 6 unidades). Nestas circunstâncias, veio-me à ideia o trabalho de grupo ou, pelo menos, em grupo e comecei a preparar as minhas primeiras aulas.

Curiosamente uma das frases que retive, quando li a folha informativa do Ministério de Educação, dizia que os livros deixaram de ter o nome de manuais para serem referidos como "guias de aprendizagem".

Comecei por dar uma olhadela pelos tais guias de aprendizagem existentes para Ensino Recorrente e nem queria acreditar no que via! Todos eles, sem excepção, pelo menos todos os que penso que existem no mercado, eram organizados da seguinte forma: introdução teórica — exercícios-tipo resolvidos — exercícios por resolver (que eram exactamente do tipo dos anteriores só os valores mudavam) — finalmente um ou mais testes preparativos para o exame. Eram estes os guias que, segundo os autores, promoviam a autonomia do aluno.

Decerto que se autonomia for encarada como capacidade de adquirir processos rotineiros, as célebres "receitas", estes guias são verdadeiros Pantagruéis!

Na primeira aula comecei por dividir a turma em grupos da mesma unidade. No final da aula apercebi-me que este não era um método muito adequado de trabalho porque dentro da mesma unidade cada aluno tinha conhecimentos diferentes que já trazia de anos anteriores. Além disso os alunos não queriam perder tempo com actividades que não fossem directamente vocacionadas para treinar os exercícios tipo, pois o seu objectivo era a preparação para fazer o exame.

Este tipo de sistema não se compadece com a solidariedade, componente implícita do trabalho de grupo. Portanto organizei outra vez os alunos por

temas, e eles iam saltando de mesa para mesa à medida que aprendiam determinado conteúdo. Mudei o trabalho de grupo para trabalho agrupado.

Os alunos têm ritmos muito diferentes de aprendizagem, que depende não só das capacidades de cada um, mas do investimento que fazem em cada disciplina. Daí, não quererem perder muito tempo para passar para a unidade seguinte, e os pedidos de exame multiplicam-se.

Outro problema com que me deparei foi o de gerir as aulas em que algum aluno estava a fazer exame, e em que eu não podia dar aula aos outros alunos. Penso que esta é uma atitude de respeito pelos alunos que estavam a ser avaliados, porém isto conduz a uma perda de aulas para os outros. A minha proposta foi de os exames coincidirem sempre com a aula de apoio. Mas estas aulas não são habitualmente frequentadas nem pelos alunos que vão fazer exame, e o seu espaço no horário podia assim ser aproveitado. Por lei, a carga horária de Matemática é de 4 horas semanais, acrescidas de uma hora semanal de apoio. Este apoio não é individualizado, e pode ser em simultâneo com outras disciplinas. É um tempo lectivo que, segundo informação do Ministério "visa, fundamentalmente, a auto-formação dos alunos através do esclarecimento das dúvidas decorrentes da utilização dos guias de aprendizagem, da negociação de estratégias individuais de aprendizagem e avaliação e da indicação de materiais de consulta complementares".

Entretanto a maioria dos alunos nem sequer o livro adoptado adquiriu, umas vezes porque estava esgotado, outras porque simplesmente não queriam ou não podiam dispender desse dinheiro. Para ultrapassar a falta do livro, e uma vez que não gostava particularmente de nenhum deles, continuei a fazer fichas de trabalho, mas ao fim de algum tempo estava completamente esgotada, porque em todas as aulas a turma tem uma composição diferente. É sempre

uma surpresa, nunca sei se vou ter um aluno, dez ou trinta. Assim, quantas cópias mando fazer de cada actividade? Para além disso há actividades para se fazerem e discutirem com a turma, mesmo tendo níveis diferentes dentro da mesma sala, mas se chego à aula e só tenho dois alunos?. Percebi que nos dias de transmissão de encontros de futebol na televisão a assistência era consideravelmente mais reduzida, assim como nos dias de chuva e frio.

Nesta fase eu já me dei conta de que as minhas boas intenções têm de ser adiadas para outro ano. Nesta turma o meu ensino tem que ser como eu aprendi, sem resolução de problemas, sem materiais manipuláveis, sem jogos, sem História da Matemática, sem actividades de investigação, valorizando os resultados em detrimento dos processos. Enfim, tenho de me esquecer que existe uma reforma e da maneira como eu encaro o ensino.

É interessante verificar que um dos princípios deste tipo de ensino, segundo o despacho normativo n.º 189/93 é a compreensão e o respeito dos costumes e das culturas nos planos regional, nacional e internacional. Mas, como posso respeitar alguma cultura diferente da nossa com um programa rígido que, na minha perspectiva, valoriza primordialmente os conteúdos?

É uma sensação estranha trabalhar com alunos da noite que pertenceriam à Reforma caso estivessem a estudar de dia e ter de ser assim... aí o exame! ...mesmo que eu estivesse a pensar num exame menos convencional...

Passadas poucas semanas lá estava eu a fazer um exame "como deve ser" e depois outro e outro e pautas e termos e mais pautas e mais termos.

Mas cada vez que apresentava os resultados dos exames, desapareciam alguns alunos e o abandono é notório não só em Matemática como nas outras disciplinas.

Na verdade, os resultados dos exames são muito fracos, e portanto a

autonomia e a flexibilidade acabam por ser um engano. Notam-se falhas nos alunos que só são superadas quando se podem adoptar estratégias que se apliquem ao grupo/turma e não a um aluno por si, porque não se tratam de aulas individuais mas de aulas em que o professor tem de dar apoio a vários alunos. O trabalho individual, na minha opinião, não substitui o trabalho com toda a turma.

As dúvidas de um aluno podem ser comuns a mais elementos da turma. Há sempre alguns alunos que, por serem mais tímidos ou inseguros se sentem constrangidos e não colocam questões que podem ser fundamentais na forma como aprendem.

A turma também funciona como grupo e nestes alunos o conhecimento dos colegas e o sentimento de pertencer a um grupo é especialmente importante. Se os alunos não se identificam nem com o espaço nem com os colegas (estou a pensar na modalidade de horários do tipo faculdade) acabam por desistir, talvez por a escola se tornar demasiadamente impessoal. Têm necessidade de trocas de afecto que na maioria das vezes não encontram na vida profissional.

Uma aula em que se trabalha com o grupo/turma é forçosamente mais viva do que uma aula em que cada aluno trabalha por si e para si. O trabalho individual torna a comunicação mais difícil não só entre colegas, mas também com o professor, na medida em que o tempo que se pode dispor por aluno é bastante mais limitado.

Muitas vezes o trabalho de grupo é uma forma de os alunos superarem as suas dificuldades sem terem de se expor perante o professor, dificuldades frequentes tanto em alunos do ensino diurno como nocturno. Além disso permite, na minha opinião, não só uma melhor inserção na comunidade escolar, como pode constituir um estímulo para superar dificuldades sem por em causa a auto-estima do aluno.

A discussão de problemas ou mesmo de exercícios facilita a comunicação

professor/aluno que é primordial no processo de aprendizagem destes alunos, e para o professor se aperceber melhor das dificuldades que cada aluno revela.

Se a aula for dispersa por vários alunos que andam ocupados a determinar o seu percurso escolar individual, perde-se uma faceta importante do que deve ser a escola — um espaço de crescimento social, que deve proporcionar experiências positivas diferentes das que fazem parte do passado escolar destes alunos, e que ultrapasse, em muito, os conteúdos que cada aluno tem de aprender em cada disciplina.

### **Para uma efectiva segunda oportunidade**

Na sua maioria, os alunos que tenho, são muito novos, e alguns começaram a trabalhar recentemente. Porém, a maioria são alunos que vêm rejeitados do Ensino Diurno por terem ultrapassado o limite de idade, e ainda não trabalham. Apenas três são alunos que interromperam os estudos por um longo período de tempo (de 3 a 8 anos).

Não são necessárias grandes reflexões para se deduzir que estes alunos têm um perfil complicado. São alunos que já trazem um passado de insucessos com todas as consequências que este facto implica. Por isso o ensino para estes alunos não deveria privá-los de todos os objectivos que (ainda) constam nos currículos diurnos.

Resumidamente, o estudante da noite, quando foi aluno do ensino regular teve problemas de insucesso escolar e este é o motivo mais vulgar de abandono da escola ou desinvestimento nas actividades escolares. Os currículos "nocturnos" deveriam ter este factor em linha de conta, e não ser uma mera repetição dos programas que já provaram não ser eficientes para a formação destes alunos.

Os programas deveriam, preferencialmente estabelecer uma ligação nítida com a vida quotidiana, mas também

proporcionar aos estudantes experiências de investigação, resolução de problemas (não só de exercícios) de modo a que o Ensino Nocturno não seja apenas o parente pobre do Ensino Diurno. Os professores envolvidos neste processo deveriam estar especialmente motivados e formados para trabalhar com jovens-adultos, de modo a procurar que, de facto, estes alunos tenham uma efectiva segunda oportunidade.

De todos os documentos que tive oportunidade de ler, preocupei-me também em analisar a forma como este tipo de ensino vê o papel do professor. Resumidamente, remete-se para o professor um papel de orientador dos diferentes "itinerários individuais de formação", "esclarecer os alunos acerca dos objectivos que deverão atingir e os conhecimentos que deverão adquirir em cada unidade" (neste campo temos o trabalho

muito simplificado, porque cada guia de aprendizagem tem a listagem destes objectivos no início de cada unidade); "atender os alunos individualmente ou em grupo nas aulas de apoio, para esclarecimento de dúvidas e desenvolvimento de actividades de diagnóstico e recuperação", "proceder ao registo, nos suportes existentes para o efeito, das classificações obtidas pelos alunos nos testes de avaliação e proceder ao preenchimento dos livros de termos", "registar, em cada sessão, a presença dos alunos e manter informados os coordenadores". O papel de coordenador limita-se quase exclusivamente à resolução de questões burocráticas, não havendo sequer a exigência de proceder a reuniões do grupo de professores. O sistema permite que, se o coordenador assim o entender, os professores deste tipo de turmas nunca cheguem a reunir durante o ano lectivo.

O balanço que faço da minha experiência no ensino recorrente é que é, sem dúvida, uma segunda oportunidade, mas uma segunda oportunidade para os alunos reforçarem o seu insucesso. O abandono é preocupante, e muito maior do que nas turmas de Ensino Nocturno que ainda funcionam com o antigo currículo. A gestão da aula é complicada e, a partir de certa altura, desmotivante. E, mais grave, é que se prevê que o Ensino Recorrente se alargue gradualmente ao Ensino Secundário. Faço, portanto, um apelo à direcção da APM para analisar e impulsionar a discussão acerca deste sistema de ensino, com vista a uma tomada de posição.

Se algum leitor tiver uma experiência positiva, agradecia que desse sinal de vida. É que talvez eu esteja a ver tudo muito negro!

Margarida Salgado de Oliveira  
Escola Secundária D. Maria I, Lisboa

### O currículo de Matemática do 3º ciclo do Ensino Recorrente

(continuação da pág. 39)

adultos só admitem voltar à escola se esta for de tipo completamente novo e se a matérias gerais ensinadas forem diferentes daquelas com que lhes encheram os ouvidos durante a sua formação inicial. A justificação para esta atitude é a de pensarem que não são para eles pois, caso contrário, tê-las-iam adquirido. Como referi, o actual programa é idêntico ao que se leccionou, pelo menos, nos últimos quinze anos. Assim, os adultos ao regressarem à escola encontram, exactamente, os mesmos conteúdos programáticos e o mesmo tipo de actividades com que se depararam aquando da sua primeira experiência escolar. Não será este um dos motivos que leva a um tão elevado número de desistências?

Estou consciente de que não é uma tarefa fácil estruturar e organizar um currículo que responda, por um lado, às motivações, expectativas e finalidades dos alunos adultos e, por outro, lhes permita adquirirem saberes teóricos e processuais com vista a desenvolverem a sua estrutura de capacidades. No entanto, o que me

preocupa é o facto de não encontrar indícios de um esforço nesse sentido. Ser difícil não pode ser uma desculpa para nem sequer se tentar.

Segundo as recomendações da Quarta Conferência Internacional da UNESCO, sobre a Educação de Adultos (1985), cabe às Universidades e outras instituições de formação de professores, um papel primordial na investigação integrada que deverá conduzir à renovação dos métodos e ao emprego generalizado de novos e científicos meios de aprendizagem e técnicas adequadas, que contribuirão para o alargamento e melhoria da Educação de Adultos. Penso, que se estas recomendações fossem consideradas poderiam possibilitar que, num futuro não muito longínquo, existisse para os alunos adultos um

currículo bem mais adequado às suas especificidades.

#### Referências

- Abrantes, P. (1995). *Matemática, Realidade e Trabalho de Projecto num Ambiente de Inovação Curricular in Matemática e Realidade: Que papel na Educação e no Currículo?* Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Associação de Professores de Matemática (1988). *Renovação do Currículo de Matemática*. Lisboa: APM.
- Malglaiive, G. (1995). *Ensinar Adultos*. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação (1991). *Matemática - Formação Geral - Programa - Ensino Recorrente, 3º Ciclo por Unidades Capitalizáveis*. Lisboa: Direcção-Geral da Extensão.

O número temático da *Educação e Matemática* sairá em Novembro, durante o ProfMat, e incidirá sobre:  
**A tecnologia no ensino da Matemática.**  
Serão bem vindas todas as contribuições.